

**CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIFACVEST
LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

Mariana de Souza Silva Ribeiro

**ANÁLISE SOBRE A ESCOLA TRADICIONAL HISTÓRICA DE LEOPOLD VON
RANKE – A ESCOLA METÓDICA E A INFLUÊNCIA DO POSITIVISMO**

JUIZ DE FORA - MG

2022

ANÁLISE SOBRE A ESCOLA TRADICIONAL HISTÓRICA DE LEOPOLD VON RANKE – A ESCOLA METÓDICA E A INFLUÊNCIA DO POSITIVISMO

Mariana de Souza Silva Ribeiro¹

Janaina Neves Maciel²

³Artur Rodrigues Neto

Andressa Alano Alves⁴

RESUMO

Este artigo prima por uma análise descritiva de cunho qualitativo e com fundamentação teórica em bibliografia de referência sobre a formação da Escola Metódica, na Alemanha do séc. XIX, e a institucionalização e positivação da História como ciência reconhecida a nível mundial e acadêmico. Como desdobramento da análise, enseja por clarificar o papel de Leopold Von Ranke como historiador organicista desse fenômeno denominado historicismo metódico em que a tônica de escolha e análise de conteúdos da História seria factual, institucional e livre de interpretações que não fossem as já oriundas da fonte histórica. Foi feita breve análise sobre o positivismo nas ciências sociais de August Comte e sua relação com o historicismo do mesmo período, dando ênfase no papel do estado como apoiador e legitimador da História como mera reprodutora dos fatos e eventos narrados, sem a interpretação ou crítica do historiador. O trabalho também salienta que existem as escolas discordantes da Escola Metódica e que houve inúmeras modificações desde então, mas que permaneceram vários vestígios de historiografia e metodologias de ensino do historicismo e sua influência até a atualidade.

¹ Graduanda em Licenciatura em História no Centro Universitário UNIFACVEST – Juiz de Fora. Artigo apresentado como requisito parcial para aprovação do Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em História.

² Orientadora: Mestrado e Graduação em História Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Brasil.

³ Mestre em Práticas Transculturais UNIFACVEST. Graduado em História, UNIFACVEST.

⁴ Doutoranda em Ciências da Educação no PPGE da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Mestre em Educação, UFSC. Graduação em Pedagogia pela UNIPLAC.

Palavras-chave: Escola Metódica. História. Positivismo.

ABSTRACT

This article stands out for a descriptive analysis of a qualitative nature and with theoretical foundation in a reference bibliography on the formation of the Methodical School, in Germany of the century. XIX, and the institutionalization and positivization of History as a science recognized at world and academic level. As a result of the analysis, it seeks to clarify the role of Leopold Von Ranke as an organic historian of this phenomenon called methodical historicism in which the tonic of choice and analysis of the contents of History would be factual, institutional and free from interpretations other than those already deriving from the source historic. A brief analysis was made on August Comte's positivism in social sciences and its relationship with the historicism of the same period, emphasizing the role of the state as a supporter and legitimizer of History as a mere reproducer of narrated facts and events, without the interpretation or criticism of the historian. The work also points out that there are schools that are in disagreement with the Methodical School and that there have been numerous changes since then, but that several vestiges of historiography and methodologies for teaching historicism or classrooms have influence until today.

KeyWords:Methodical School. History. Positivism.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo uma análise descritiva sobre a origem da História como disciplina organizada e positivada na Europa – especial e inicialmente na Alemanha – com intuito de se reconhecer como sendo científica e com alto rigor técnico, uma tendência do positivismo emergente do séc. XIX às ciências sociais e humanas.

A História é reconhecida como ciência e deve à chamada Escola Histórica Tradicional - ou Escola Metódica – no séc. XIX, o seu fortalecimento e propagação como disciplina acadêmica de excelência e de cunho científico–comprobatório, sendo elevada ao status tecnológico dos demais conhecimentos matemáticos, físicos e biológicos no período.

Portanto, o direcionamento deste trabalho também pautará um breve contexto histórico do período, lugares e protagonistas das escolas históricas, como Leopold Von Ranke, principal defensor da História como ciência e dos métodos severos, rigorosos e rígidos do trabalho do historiador das informações da História *ipsys litteris*, isto é, divulgadas historiograficamente sendo fiéis ao manuscrito original, sem nenhuma modificação, acompanhada da primazia de documentos antigos analisados apenas por sua autenticidade e comparabilidade com os documentos similares em sua maioria escritos ou os monumentos oficiais.

A História escolheu para si o cargo de julgar o passado e instruir o futuro para o benefício das gerações futuras. Para mostrar aos altos oficiais que o presente trabalho não presume: Ranke busca apenas revelar o que realmente aconteceu. Em sua afirmação de que a 'história deveria adotar o princípio do "wie es eigentlich gewesen"' (mostrar aquilo que realmente aconteceu) é adotado por uma grande quantidade de historiadores como seu princípio-guia e base.(SAVIANI, 1977, p.32)

Para a construção desta contextualização, se efetivará breve histórico das contribuições de August Comte, formulador das teorias do positivismo neste período, visto que a escola metódica seguiu à risca os pressupostos positivistas de que os fatos comprovados documentalmente e livres de análises valorativas, ideologias políticas e filosóficas seriam mais confiáveis, verdadeiros e dignos de figurarem como "ciências de verdade" para o aprendizado, conservação e desenvolvimento da humanidade.

A intenção aqui é a de demonstrar de forma clara e coerente as contribuições desses pensadores e escolas de pensamento tradicionais para a sistematização da História como disciplina do conhecimento munida de estruturas metodológicas que possibilitaram gradualmente a ampliação de seus estudos e inserção de seus conteúdos como disciplinas acadêmicas e escolares com teor exageradamente factual, mecânico e carentes de análises mais profundas e complexas.

2. CAMINHOS DA HISTÓRIA E INTRODUÇÃO À ESCOLA METÓDICA

Pode-se inferir por obviedade lógica, que a História como fenômeno múltiplo de se reconhecer, aprender e conservar ativos os conhecimentos e saberes do passado, sempre existiu, visto que a capacidade cognitiva de raciocinar, lembrar e comparar situações é oriunda do ser humano desde que se possa registrar, ou seja, existe –

inerente à natureza humana – o desejo de expressar pensamentos, sentimentos, artes, vivências, cultura e legados de si mesmo e do meio em que vive para que as gerações futuras possam ver, aprender, sobreviver ou admirar, com intenções de integrar algo considerado significativo aos anais do que somente o ser humano consegue discernir como realidade lógica: o futuro, a vida, a morte e a possibilidade de desenvolvimento na busca pelo sentido de tudo.

Tais ações humanas têm suas consequências nas sociedades futuras, na maioria das vezes imprevisíveis, e cabe ao historiador a competência e prudência ao escolher, analisar e divulgar as fontes, sempre atento à tentação do anacronismo, conforme VASCONCELOS (2007)

Ora, as ações e as atitudes dos personagens do passado deram origem a determinados resultados em seus próprios contextos históricos. Não podemos aplicá-las mecanicamente à nossa própria época, pois vivemos em circunstâncias diferentes. Uma ação que produziu certo resultado no passado pode produzir resultados diferentes e inesperados no presente(VASCONCELOS, 2007, p.125).

Existem determinados recortes temporais do período Neolítico, por exemplo, em que nossos antepassados nos deixaram muitas informações riscadas, desenhadas ou pintadas em paredes de cavernas, grutas e similares (pinturas rupestres), onde viviam, passavam ou frequentavam, gerando indícios e vestígios de sua passagem pela vida e de fatos relevantes para o seu cotidiano e também expressando certa inteligência e percepção de vida, cultura e senso artístico.

O historiador pode inferir e chegar a determinada consideração, mas jamais chegará a uma conclusão final, visto que são inúmeras as variáveis de qualquer fenômeno que se queira compreender à distância temporal, por assim dizer, de um fenômeno ou evento.

Prova disso figura em diversos locais do mundo até hoje preservados, contando a história de aproximadamente 17.000 anos, como se pode encontrar, por exemplo, em Lascaux, na França, com suas pinturas rupestres riquíssimas que nos legaram saberes pré-históricos e antropológicos, bem como a expressão da inteligência, criatividade e vestígios de sua cultura e cotidiano, assim como de sua dinamicidade no âmbito artístico e, talvez, desejo de deixarem sua marca na história.

Da mesma forma, por meio de caracterizações cuneiformes, hieroglíficas, simbólicas e de tantas outras, figuraram a história dos povos com suas ideias e registros de vida, morte e *post-mortem*, sendo, em muitos casos com intenções

propositais de legar sucessos ou experiências à posteridade a até mesmo de cunho místico, mágico, ritualístico ou religioso que remetiam à possível esperança da sobrevivência eterna ao desencarnar.

Exemplo interessante seria o do “livro dos mortos”, do Egito do século XI a.C., considerado por muitos historiadores como a fonte histórica escrita mais antiga descoberta e existente até o momento. Tratando-se de um obituário na verdade, assim como as muitas múmias faraônicas encontradas às dezenas naquela região acompanhadas de ouro, pertences, comida e outros aparatos, que provavelmente seriam utilizados em suas outras vidas, segundo suas crenças.

Em todas as culturas do mundo há vestígios com passado remoto ou recente que norteiam a construção da história, e não apenas escritos, mas também em fontes materiais e visuais em grande quantidade.

A história com suas descobertas, vestígios e interpretações sempre existiu, ainda que por fontes orais de anciães dos povos, como os *griots* (“*contadores da História*”), em regiões africanas desde a Antiguidade, que passavam de geração em geração sua cultura, religiosidade, linguagem, conhecimentos, regras e códigos de conduta, perpassando por todo o imaginário mítico e ritualístico de sua riquíssima herança obtidas pelos seus antepassados.

Segundo VASCONCELOS (2009), Tucídides (460 a.C. – 400 a.C.) da polis de Atenas, é considerado como um dos primeiros a apreciar e qualificar a História como base imprescindível sobre o conhecimento e sabedoria acumulados e desenvolvidos na humanidade, mas tinha abordagem diferenciada de Heródoto

Diferente de Heródoto, Tucídides não se preocupou com uma história muito abrangente, não foi pesquisar a vida de outros povos. Pelo contrário, o assunto a que se dedicou, é bem específico: As guerras envolvendo Atenas e Esparta na disputa do domínio político das cidades-estado gregas. Além disso, ao invés de fazer uma descrição geral do que viu e ouviu, Tucídides fez uma análise minuciosa das informações coletadas. Em outras palavras, ele não se contentava somente em descrever, mas também em explicar e interpretar. (VASCONCELOS, 2009. p.126)

Dessa forma, em grande parte do mundo em determinados períodos a história foi considerada como sendo de grande importância para a construção e desenvolvimento do saber de forma holística e que auxiliou ao desenvolvimento da

própria humanidade, mas não se tornou uma ciência nos moldes positivados até o século XIX.

O que aqui se preconiza é o conceito e prática da história feita e reproduzida pelos homens, porém, ao mesmo tempo, tendo sempre existido se analisada como fenômeno percebido e/ou interpretado pela mente humana e suas múltiplas interações e readaptações da mesma, e não apenas didaticamente a partir do século XIX.

No caso, porém, da institucionalização e positivação dessa disciplina do conhecimento na contemporaneidade e com origem e bases ocidentais, a história se consolidou como ciência reconhecidamente acadêmica apenas no séc. XIX, na Universidade de Berlim, atualmente chamada de Universidade Humboldt, em Berlim, na Alemanha, cujo protagonista foi o historiador Leopold Von Ranke, com influência de August Comte no Positivismo das ciências humanas, como se verá adiante.

3. O POSITIVISMO E A HISTÓRIA

No século XIX surgiu uma corrente de pensamento sociológico chamada de positivismo, que se consolidou na segunda metade do séc. XIX e o começo do séc. XX., (VASCONCELOS, 2009) na França e outros países da Europa, que foram os precursores dessa nova roupagem das ciências sociais, e em especial o filósofo francês Auguste Comte, considerado então o “pai do positivismo” e um dos fundadores da Sociologia. Até esse período, na Europa, as ciências sociais não eram valorizadas nos centros acadêmicos como as ciências exatas e biológicas, mas entre os séculos XVIII e XIX se fortaleceram com a aplicação de métodos rígidos–positivados –, de forma que se organizassem e sistematizassem os saberes humanos e sociais.

Comte foi um precursor nesse projeto de pensamento e proposta de se positivarem as ciências humanas e sociais aplicadas com métodos cientificamente comprováveis e com caráter epistemológico, desejando substituir o que se considera como senso comum de caráter mítico, religioso e meramente cultural, que foram as bases dos saberes durante milênios, e relegando às ciências humanas a vanguarda da verdade investigativa e pura, para responder e resolver a todas as complexidades sociológicas que desafiam cotidianamente os homens e suas múltiplas relações, tanto opostas como complementares (BLOCK, 2002).

4. LEOPOLD VON RANKE E A ESCOLA METÓDICA

Conforme o contexto demonstrado no item anterior esse período de efervescência científica a Europa foi palco do fortalecimento e elevação das ciências humanas e sociais a um status de cientificidade similar ao dos demais saberes científico-tecnológicos, biológicos e das ciências exatas.

No bojo dessa tendência dos intelectuais das ciências sociais emergiu também a necessidade de alçar a disciplina História à condição de ciência legítima e comprobatória em cujo status acadêmico assemelhar-se-ia ao patamar das demais.

Dessa forma se destacou a chamada Escola Metódica, também conhecida como “escola tradicional” sob o protagonismo de Leopold Von Ranke, na Universidade de Berlim, na Alemanha. Ranke pesquisou profundamente no meio acadêmico as tendências historiográficas do período, conforme segue

Seguindo o sucesso de *Geschichte der romanischen und germanischen Völker von 1494 bis 1514*, Ranke ganhou um cargo na Universidade de Berlim (atualmente Universidade Humboldt de Berlim. Na Universidade, Ranke se envolveu profundamente na disputa entre os seguidores do professor Friedrich Carl von Savigny, o qual enfatizava as variedades dos diferentes períodos da história e os seguidores do filósofo Georg Wilhelm Friedrich Hegel, que via a história como o desdobramento de uma história universal. (HOLANDA, 1979, p.181)

Essa tendência ou corrente de pensamento e formação de novas abordagens e metodologias da historiografia tinha por prioridade a análise da História de forma factual, escrita, comprobatória, visível, legítima e isenta de interpretações por parte do historiador no que tange às ideologias religiosas ou filosóficas, isto é, os documentos e vestígios encontrados seriam escolhidos ou compilados e aprendidos em uma compreensão quase literal e exatamente como foram encontrados, não cabendo novas interpretações ou contextualizações além das óbvias escritas, por parte do historiador, a fim de evitar possíveis erros de interpretação ou tendências que pudessem para um extremo ou outro, fossem eles intencionais ou não (BLOCK, 2002).

No século XIX, historiadores como Leopold Von Ranke estabeleceram procedimentos rigorosos para garantir o máximo de objetividade possível no estudo da História. O legado da historiografia dessa época, também chamada

de historiografia tradicional é inestimável. No entanto, pela sua estreiteza, ela passa a sofrer sérias críticas no séc. XX (BLOCK, 2002, p.32)

Dessa forma, Ranke e outros intelectuais da mesma estirpe, como, por exemplo, George Duby, foram os precursores desta nova historiografia que se positivava, sendo Ranke o intelectual mais proeminente dentre os defensores nesse período.

Sua formação de historiador, filólogo e teólogo, bem como sua credibilidade sociopolítica com o governo prussiano foram pontos importantes para que Ranke alcançasse a História a conquistar o status de uma ciência relevante, visto que os conteúdos factuais, técnicos, clássicos, comprobatórios e legitimadores de determinadas intenções políticas priorizavam, sobretudo, figuras políticas de grande fama, figuras religiosas de renome (normalmente papas ou santos católicos) e militares de renome em suas participações nos fenômenos de guerras, conquistas e revoluções, glorificando ou demonizando suas figuras e atuações (HOLANDA, 1979).

Iniciado em 1831 a pedido do governo Prussiano, Ranke fundou e editou a revista *Historisch-Politische Zeitschrift*. Ranke, que era um conservador usou a revista para atacar as ideias do Liberalismo. Nos seus artigos "As grandes potências" (1833) e "Diálogo político" (1836) Ranke afirmou que a todo estado é dado por Deus um caráter moral especial e que os indivíduos deveriam se esforçar para melhor realizar o "ideal" de seu estado. Dessa maneira, Ranke conclamava aos seus leitores que se mantivessem leais ao estado Prussiano e rejeitassem as ideias da Revolução Francesa, as quais Ranke acreditava que eram projetadas para a França, e não para a Prússia. Em 1841, Ranke foi escolhido para o cargo de Historiografista Real da Corte Prussiana. Em 1849, Ranke publicou *Neun Bücher preussischer Geschichte* (traduzido para o inglês como *Memoirs of the House of Brandenburg and History of Prussia, during the Seventeenth and Eighteenth Centuries*), onde Ranke examinou as fortunas da família e estado de Hohenzollern da Idade Média ao reino de Frederico o Grande. Vários nacionalistas prussianos se sentiram ofendidos pelo retrato da Prússia narrado por Ranke, no qual ele a descreve como um típico estado alemão de tamanho médio ao invés de uma Grande Potência.(HOLANDA, 1979. p 186)

Também priorizava dinastias de reis, mandatos de presidentes e seus feitos, alianças entre os papas e os poderes políticos em acontecimentos extraordinários como grandes revoluções ocorridas em diversos espaços e tempos, com grande ênfase em memorização e decoração de nomes, títulos, locais e datas de ocorrências sem contextualização dialética, mas apenas com bases em informações de mapas, livros e pergaminhos, isto é, sem questionar mais profundamente as intenções e

contextos em que foram escritos e sem levar em conta a expressão social e vital da esmagadora maioria dos povos no contexto, como se não fossem realmente válidas ou relevantes, dando preferência a seus líderes, nobres, grandes guerreiros e figuras políticas afamadas, ou seja, uma história de compilação e reprodução das informações encontradas nas fontes vestigiais

Ranke resolveu esse problema limitando o domínio do estudo da história, a política e, secundariamente, a religião. Nesse sentido, um fato, para ser histórico, deveria necessariamente ter um significado político e religioso. O suicídio de Getúlio Vargas, por exemplo, seria um fato histórico, pois teve relevância política e, portanto, interesse a toda a sociedade. (BLOCK, 2002, p.44)

Ranke é considerado um historiador orgânico (a serviço de um Estado, como se este fosse um organismo com suas complexidades, similar a um organismo biológico), (VASCONCELOS, 2009) visto que fazia apologia à reprodução de uma história política tendenciosa, nacionalista e não-interpretativa, que trazia “verdades absolutas” ou dogmas religiosos que atendiam às intenções do governo prussiano, que por sua vez estava às portas de sua consolidação com outras nações na formação de um império e buscava fortalecer sua influência sobre seu povo com estratégias de cunho nacionalista, patriótico, acrítico e tolhedor de pensamentos independentes, questionadores e revolucionários por parte do povo.

Tais táticas foram utilizadas com afincamento e eficácia tornando a educação (pelas ciências sociais e humanas) como instrumentos ideológicos aparelhados pelo Estado para manter sua hegemonia decisória e angariando apoio incondicional do povo – pela ideia de nação superior – potencializando e consolidando sua imagem dita superiora com a ajuda popular ao prussiano e depois o alemão, o que efetivamente ocorreu.

5. IMPACTOS DO HISTORICISMO E DO POSITIVISMO PARA AS ESTRUTURAS EDUCACIONAIS, PEDAGÓGICAS, CULTURAIS E SOCIAIS

A metodologia tradicional, preconizada por Ranke e sua Escola Metódica, pela Universidade de Berlim, na Alemanha, foi adotada posteriormente por várias nações europeias e americanas em suas agendas educacionais para o ensino da História, devido ao seu caráter teoricamente absoluto e livre de eventuais erros de

interpretações, bem como por sua tendência positivista e nacionalista que preconizava a ordem, o progresso, a fidelização popular e o patriotismo nas estruturas sociais e políticas de seus países.

Os críticos à educação tradicional analisam que tal estado de coisas levou a escola ao limitado e tendencioso paradigma de ensinar para adestrar, e convencer sem criar a possibilidade de recalcitrar, questionar ou propor novas formas e perspectivas ou ações por meio da sociedade civil.

Ainda no caso da Educação, exaltando o nacionalismo patriótico de forma exacerbada para gerar sentimento de pertencimento no povo, o que levou a alienação popular. Nas escolas os conteúdos eram ministrados por método expositivo e de cunho magistrocêntrico – centrado apenas no professor –, além de serem muito poucas as crianças e jovens que conseguiam acesso à educação, sendo prioritárias as crianças e jovens de famílias mais abastadas (SAVIANI, 1987)

5.1 Institucionalização da História Tradicional

A efetivação e oficialização institucional da história tradicional iniciada por Ranke nesse período, acompanhou o aumento e implementação de sistemas educacionais em muitos países, cuja demanda de conhecimentos mecânicos, factuais, tradicionais e repetitivos aumentou sobremaneira nos séculos XIX e XX como consequência da expansão da Revolução Industrial.

A industrialização crescente nas sociedades ocidentais demandou um aumento exponencial de mão-de-obra técnica ou manual, especializada e com noções práticas de disciplina comportamental, leitura e matemática básica, além ainda de uma submissão e suposta consciência patriótica, nacionalista e capitalista de produção e produtividade com eficácia em massa para o benefício de seu país, a despeito da miséria e falta de infraestruturas básicas para a própria sobrevivência dos trabalhadores – nesse caso, a educação na disciplina de História, proporcionada pelas ciências humanas positivistas e metódicas- foi uma ferramenta de muita eficiência para apenas treinar e adestrar cidadãos para atender às demandas econômico-industriais de seu país, como já explicados no presente artigo em capítulos anteriores (SAVIANI, 1987). Assim, Tanto as elites industriais (e também as agrárias) como os intendentess da política estrutural e governamental desses países direcionaram seus esforços sobre a educação nesse sentido tradicional, elitista e conservador, que

possui fortes vínculos com as sociedades globais na educação, cultura e sociedade até os dias atuais, a despeito dos múltiplos esforços feitos no sentido de “libertar” a História e as ciências humanas dessa mecanização de seus saberes. Saviani (1987) aborda ainda, de forma geral, a influência e concomitância entre o Positivismo e a Pedagogia tecnicista, isto é, aquela que direciona o ensino apenas para o atendimento das demandas industriais e limitadas, impedindo também a possibilidade de reflexão autônoma por parte de professores e alunos, alienando e massificando a sociedade.

O anseio da pedagogia tecnicista é garantir a eficácia e a produtividade do processo pedagógico independentemente dos trabalhadores da educação. [...] a objetivação do trabalho no processo industrial própria das sociedades capitalistas têm justamente a seguinte característica: Em lugar de subordinar o processo de trabalho ao trabalhador, ela faz o contrário (SAVIANI, 1987, pp.82-83)

É claro que com a Revista dos Annales, a Escola de Frankfurt e as influências marxistas, bem como movimentos escolanovistas para desenvolver a educação tiveram resultados que conflitaram e modificaram em parte o historicismo e o tradicionalismo resultante dele no ensino de História, porém, pode-se afirmar que de forma geral ainda existem muitas raízes e sequelas da História Tradicional em quase todas as partes do planeta até a atualidade.

5.2 Sobre o desenvolvimento da análise da História

As tendências de uma história mais contextualizada, abrangente e científica são favoráveis à construção de um saber mais eficaz e direcionado ao desenvolvimento da sociedade na atualidade, pois tanto na Europa como na América e até nos outros continentes, fortaleceram-se sobremaneira as críticas bastante contundentes contra o ensino com base apenas no positivismo histórico (VASCONCELOS, 2007) e a favor de propostas de desenvolvimento humanístico, social, psicológico, ambiental e reflexivo para o ensino e análise da historiografia e das ciências humanas.

Ora, as ações e as atitudes dos personagens do passado deram origem a determinados resultados em seus próprios contextos históricos. Não podemos aplicá-las mecanicamente à nossa própria época, pois vivemos em circunstâncias diferentes. Uma ação que produziu certo resultado no passado

pode produzir resultados diferentes e inesperados no presente.
(VASCONCELOS, 2007. p. 125)

Tais críticas e projetos pendiam para o desenvolvimento social, humanístico e reflexivo para a formação de cidadãos autônomos, com pensamentos profundos e complexos com vistas ao desenvolvimento de uma realidade social isonômica, justa e pacífica – tudo isto na teoria, é claro. Consideram-se aqui como muito relevantes essas críticas, conforme aborda Vasconcelos (2007) sobre a finalidade da historiografia, em que

O historiador busca responder seus pressupostos epistemológicos, pois são estes que dão sentido à atividade que o pesquisador executa. Identificar falhas conceituais ou metodológicas nesses pressupostos significa, para o historiador, colocar em questão o próprio propósito de se escrever História.
(VASCONCELOS, 2009. p.134)

Assim, um historiador tem por missão a orientação de contar a história, mas por seus métodos múltiplos, necessita encontrar sentido nos recortes históricos que faz, de forma que além de buscar sentido na história analisada, verificando seus erros e possíveis falhas de interpretação, necessita evitar o anacronismo, que o levaria a tentar compreender fatos do passado por valores e realidades do presente, o que seria uma tragédia na maioria das análises.

Dentre estes movimentos contestadores, oriundos de escolas como a famosa *Revista e Escola de pensamento dos Annales*, na França, correntes marxistas de pensamento orientadas por pensadores vindos especialmente da Escola de Frankfurt, na Alemanha, e parte da própria sociedade civil, propunham que a História e a historiografia fossem muito além desses métodos conteudistas preconizados pela Escola Metódica.

Até mesmo algumas linhas historiográficas conservadoras e tradicionais reconheciam que não há como o historiador se afastar e neutralizar completamente diante das fontes.

Mesmo entre os historiadores positivistas, é ponto pacífico, por exemplo, que um conhecimento historiográfico de caráter estritamente empírico é impossível, uma vez que o historiador se relaciona diretamente com as fontes e não com os fatos do passado em si (VASCONCELOS, 2009. p.135)

Seria preciso escrever a história de forma que se superasse o ensino meramente expositivo, político-conservador, moralizante e apenas factual, que segundo suas perspectivas críticas serviam apenas para afastar e desmoralizar o conhecimento histórico profundo e significativo, tolhendo-lhe uma de suas principais funções: a análise do passado como referência de parâmetros em todos os campos, no trabalho de entender e melhorar as contradições e complexidades presentes em suas realidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve por objetivo uma breve análise descritiva sobre o nascimento e institucionalização do ensino de História no ocidente – Alemanha – do séc. XIX, sob a influência do positivismo e do nacionalismo que se potencializavam na Europa nesse período. Com especial ênfase na Escola Metódica e no Positivismo das ciências humanas na Europa.

Nesse ínterim, foi feita uma breve análise sobre o protagonismo de Leopold Von Ranke na efetivação do historicismo, nesse contexto na Prússia e depois na Alemanha, analisando bibliografia de referência que fundamentou essa nova roupagem de se fazer história e suas propostas e abordagens.

O principal conceito dessa nova forma de historiografia é de que, de certa maneira, as interpretações eram praticamente literais para com os documentos escritos. Literais e intuitivamente limitadas – ou até mesmo nulas por parte do historiador – no que diz respeito às entrelinhas contextuais e por vezes ideológicas.

Na verdade, as análises limitadamente permitidas eram, sobretudo, de cunho político e nacionalista, e por isso a preferência por genealogias de reis, papas e figuras de renome e liderança em determinados períodos, bem como eventos de guerras, revoluções e formações de países e nações.

O positivismo contendo surgido no séc. XIX, na Europa, foi também objeto de análises concatenadas com o historicismo, visto a existência de mútuas influências entre seus objetivos analíticos e interpretativos.

As análises sobre o nascimento da disciplina de História de forma institucional e positivada na educação formal, no século XIX, realmente demonstram que ela se deu com determinadas intenções e influências dos Estados Nacionais – especialmente a Alemanha – atendendo a fins políticos, ideológicos e patrióticos

inicialmente, para justificar a busca e intensificação do poder político, econômico, ideológico e militar.

Dessa forma, dentre quantidades absurdas de documentação compilada, eram feitas escolhas intencionais por historiadores organicistas sobre quais seriam as informações divulgadas, publicadas e consagradas pela historiografia da Escola Metódica.

Por um lado, os interesses dos estados nacionais; e de outro o preciosismo metodológico e acadêmico de historiadores organicistas como Ranke, no intuito de consagrar a História como ciência comprovável e inoxidável com caráter similar às ciências exatas.

Por fim, entre contextos diversos, o conteúdo, métodos e o ensino de História legaram aos séculos XIX, XX e XXI suas características pedagógicas marcadamente factuais e decorativas, tanto nas ciências humanas como nas demais ciências, perpassando a essência conservadora da educação.

Com o passar das décadas, esse legado do historicismo foi (e ainda está) sendo dirimido, ou então substituído gradualmente por novas formas de se ensinar História, e isto pela influência de outras escolas históricas e movimentos de luta para o desenvolvimento da reflexão e autonomia na Educação – resguardados os contextos, períodos e realidades de cada país em seu desenvolvimento próprio –, de forma que na atualidade coexistem as didáticas e metodologias atuais e as tradicionais do ensino de História, o que ocorre também na própria produção acadêmica, com suas vantagens e evidentes falhas, o que repercute na formação de professores, chegando até aos alunos em sala de aula. É um processo dinâmico e em construção.

Portanto é indispensável que o historiador e o professor de História estejam atentos a essa realidade dicotômica no universo da pesquisa, sentido e ensino da disciplina, para que apresentem uma efetividade real na sociedade por meio do desenvolvimento do conhecimento, lidando com o aprendiz, o estudante, a próxima geração e o cidadão, de forma clara, útil e interessante, direcionando-os de formas variadas, como a própria sociedade demandar da História.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6022: Informação e documentação – Artigo em publicação periódica científica impressa - Apresentação**. Rio de Janeiro: ABNT, 2003.

BLOCK, Marc. **Apologia da História ou o Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2002.

BOURDÉ, Guy; MARTIN, Hervé. **As Escolas Históricas**. Lisboa: EUROPA-AMÉRICA, 1990

HOLANDA, Sérgio Buarque. **Diálogo Político**. São Paulo: Ática, 1979

RANKE, Leopold von. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Leopold_von_Ranke> Acesso em: 27 jan 2022

RUDNIKC, Rosiane. **Metodologia do Ensino de História e Geografia**. 1. ed. Curitiba: IBPEX, 2010

SAVIANI, Dermeval. **Ensino Público e Algumas Falas Sobre Universidade**. Cortez Editora, 4º ed. São Paulo, 1987

VASCONCELOS, José Antônio. **Fundamentos Epistemológicos da História**. Ed. IBPEX, 1ª edição. Curitiba, 2009

VASCONCELOS, José Antonio. **Metodologia do Ensino de História**. Ed. IBPEX, 1ª edição. Curitiba, 2007